



Presidência da República  
Casa Civil  
Secretaria de Administração  
Diretoria de Gestão de Pessoas  
Coordenação – Geral de Documentação e Informação  
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA  

---

PRESIDÊNCIA  

---

DA REPÚBLICA

*Discurso na cerimônia de assinatura  
do contrato de construção do  
gasoduto Brasil–Bolívia*

PALÁCIO DO PLANALTO, BRASÍLIA, DF, 12 DE MARÇO DE 1998

*Senhor Ministro Raimundo Brito; Senhores Ministros do Planejamento e da Casa Civil; Senhores Parlamentares que nos dão a honra da companhia; Dr. Joel Rennó, da Petrobras; Senhores empresários; Senhoras e Senhores,*

Eu creio que a assinatura destes contratos fala por si, porque houve época em que assinar contrato não tinha o significado prático de que a obra fosse ocorrer. Essa época já passou. Neste governo, quando se assina um contrato é para cumprir. Os contratos se cumprem, estão sendo cumpridos.

Então, efetivamente, o que foi dito pelo Ministro Brito é algo que vale a pena ressaltar. Trata-se da colocação em prática de um anseio antiqüíssimo do Brasil e da Bolívia – e mais do Mercosul, hoje, porque, no futuro, nós vamos interligar todos os nossos campos de gás. E isso que era sonho há algumas décadas hoje é realidade, e realidade palpável. As obras estão em marcha, da Bolívia até Campinas, e, agora, nós já estamos começando a avançar no trecho que vai até Porto Alegre.

Os contratos aqui firmados vão claramente nessa direção. No conjunto, são cerca de 3 mil quilômetros de dutos, e por esses dutos vão

passar 30 milhões de metros cúbicos de gás por dia. Isso, já disse o Ministro, mas eu quero repetir, significa não apenas geração de emprego e de riqueza de imediato – imediatamente, basta ver que as firmas estão contratando e vão empregar gente –, mas significa, também, a capacidade ampliada de atração de capitais, porque ao redor dessas fontes de energia nós vamos ter termoeletricas, nós vamos ter novas indústrias; enfim, nós vamos ter o que o Brasil em Ação significa, como bem sabem o Ministro Kandir e o Dr. Silveira, que o estão gerenciando: uma nova fisionomia do Brasil, uma fisionomia que vai permitir que este país possa continuar crescendo e atendendo aos anseios de sua população.

Mas eu queria ressaltar um outro ponto. Além do que significa esta obra, do ponto de vista, até simbólico, de um novo Brasil, de um Brasil que se integra com os seus vizinhos do Mercosul; além do que ela significa em termos de investimento, de propulsionar com mais velocidade a nossa economia e, portanto, de empregos, trata-se também de ampliar aquilo que é fundamental, que é a matriz energética sob uma forma mais limpa, ou seja, é obra que corresponde aos anseios contemporâneos de preservação do meio ambiente.

Há alguns anos, seria impensável que, hoje, a Petrobras fosse o esteio do desenvolvimento econômico articulado com o setor privado nacional e estrangeiro. É uma nova etapa do Brasil. Nessa nova etapa, a Petrobras não perdeu a sua capacidade de avançar, de ser ator importante, decisivo, mesmo, estratégico, do Brasil. Pelo contrário: ganhou na capacidade de multiplicar os seus investimentos através de uma forte inversão privada, sem a qual nós não teríamos condições de enfrentar, com a rapidez necessária, os desafios do desenvolvimento.

Ontem, numa outra solenidade, aqui neste Palácio, eu me referia a algo semelhante, no que diz respeito às Docas, por que ontem nós comemoramos aqui o fato de que realmente, no Rio de Janeiro, se completou tudo que estava previsto na legislação nova sobre portos. O preço dos *containers*, a partir das Docas do Rio de Janeiro, caiu de maneira drástica, de cerca de 500 dólares para cerca de 100 dólares – ou um pouco mais de 100 dólares –, sendo que hoje os *containers* que sairão pelo porto do Rio de Janeiro serão competitivos em nível inter-

nacional. Apenas o porto de Roterdã apresenta tarifa mais baixa que a do porto do Rio de Janeiro.

Eu chamava a atenção para isso, porque significa não apenas novas Docas, mas um esforço imenso, também, de reaparelhar os nossos portos no seu conjunto. E ali, ao lado do Rio de Janeiro, o porto de Sepetiba é um exemplo vivo do que estou dizendo. Mais em baixo, no Rio Grande, os gaúchos que aqui estão, para o nosso gáudio, sabem que estamos fazendo toda uma nova articulação no porto de Rio Grande, como estamos fazendo em Santa Catarina com o porto de Itajaí, como estamos fazendo em Santos, com o porto de São Paulo, como já foi feito em Paranaguá, com o esforço do governo do Paraná. Ou seja, tudo isso mostra uma sinergia, como eu dizia ontem, de que nós estamos reconstruindo a geografia econômica do Brasil.

Esse gasoduto é uma peça importante nessa reconstrução da geografia econômica do Brasil. É uma questão de tempo, e não se faz nada sem o tempo, sem trabalhar com o tempo, mas é uma questão não de muito tempo, e os resultados concretos dessas transformações serão visíveis e sensíveis a toda a população, mesmo àqueles, como disse também, que têm os olhos descrentes e que estão com tanta poeira do passado que não vêem que o futuro é radioso e ficam chorando por um passado que não foi tão brilhante quanto poderia ter sido.

Eu quero agradecer a presença de todos, agradecer às empresas que aqui estão, desejar-lhes êxito, e êxito para nós significa trabalhar depressa e incorporando mais trabalhadores às obras, para que nós possamos fazer mais obras mais adiante; agradecer o esforço que foi feito pelo Ministério de Minas e Energia e na Petrobras, que articularam essa possibilidade; agradecer a compreensão, como sempre, dos nossos parlamentares e dos governadores dos estados que vão ser beneficiados por esse gasoduto; e dizer, mais uma vez, que, esta manhã faz com que nós reafirmemos a confiança, que é inabalável, no futuro deste país.

Muito obrigado.